

## **Entrevista 07**

**Entrevista em 29 de janeiro de 2007 com a Yalorixá Gisele de Omindawreá.**

Gisele Omindarewá: Foi feito um documentário sobre o terreiro, tudo, de dentro, de fora, tudo tudo.

Márcia: Não pode fazer um projeto sobre esse documentário?

GO: Pode, pode. Agora só tem que ver com quem filmou, o cineasta, ele que se responsabilizou. Mas ele não encontrava quem ajudar financeiramente.

M: O nome da senhora.

GO: Meu nome é Gisele Cossard Omindarewá.

M: Data de nascimento?

GO: 31 de maio de 1923.

M: Nós vamos pegar um pouco da sua história. É importante pegar a história da casa, do terreiro e da mãe de santo, no caso a senhora.

GO: Eu tenho um livro que foi publicado por uma francesa, que se chama "Omindarewa". Ela pesquisa sobre a minha vida e a vida do terreiro.

M: Tem mais algum outro livro?

GO: Tem um livro que eu lancei a pouco tempo, sobre os fundamentos do candomblé, que se chama "Awó O mistério dos Orixás", editora Palas.

M: Tem mais alguma publicação, em revista?

GO: Tem muitas coisas... Nem sei mais dizer, eu posso procurar. Tem jornais, tem revistas. Eu vou procurar.

M: Tem algum CD, DVD?

GO: Não.

M: Tem email? Site?

GO: ominda@terra.com.br

M: O nome daqui do terreiro.

GO: Ilé Afon Yá Atará Magba.

M: Foi fundado a muito tempo?

GO: Começou em 74, janeiro de 74.

M: A senhora tem quantos anos de santo?

GO: Eu fiz santo em 1960. Fui feita com Seu Joãozinho da Goméia, e depois, dele falecer em 73, com "Daniel de Pala" (Pai"Balbino").

M: Aqui o axé é Ketu?

GO: Eu iniciei em Angola mas o axé é Ketu, eu abri casa com ele.

## Entrevista 07

M: E é Ketu do Engenho Velho?

GO: Não, do Opó Afonjá. Meu pai Balbino é filho de Mãe Senhora, do Opó Afonjá.

M: A senhora tem interesse em futuramente fazer o tombamento do terreiro?

GO: A sim.

M: Tem associação aqui?

GO: Tem, registrada com o terreiro.

M: Tem muito tempo?

GO: A quatro anos. Em 2002 eu acho.

M: Você tem algum trabalho beneficente aqui?

GO: Não, não. Não tem ação social, só espiritual. Fora da ajuda que a gente dá aos filhos de santo com dificuldade.

M: O terreiro vive com o dinheiro dos filhos de santo?

GO: Vive dos filhos de santo, das consultas e dos trabalhos. E do meu dinheiro.

M: A senhora é aposentada?

GO: Sou aposentada do Ministério da Educação da França.

M: A senhora é formada?

GO: Sou, eu tenho doutorado lá na França, na área de Antropologia pela Universidade de Sourbonne. Eu fiz a tese com o professor Bastide.

M: E a senhora usa esses conhecimentos dentro do terreiro e fora dele, a parte de antropologia?

GO: Não, não uso não, não tem mais utilidade nenhuma.

M: A senhora tem muitos filhos de santo?

GO: Acho que vai pra trezentos...

M: E que freqüentam a casa ainda?

GO: Bom, todos eles freqüentam.

M: Aqui tem aqueles cargos?

GO: Tem cargos, "mankissina", "guamirô", "agimuda", yabasse", "ogotum", "yatebesse", é quem canta as cantigas, "ogará", pra cantar, é o homem e o anterior é mulher, "alabe". Tem os Ogan que eu não lembro o nome. Yalefum, a que pinta o céu.

M: Esses termos dos cargos são só do Opó Afonjá. e que usa assim?

GO: Não, todo mundo usa assim.

M: E o teu cargo de Yalefum aqui é de Ekedí ou Ogan? De Oxum ou Oxalá?

GO: É de Ogan, de Oxalá. Tem Axogun, tem Alabe, tem outros cargos de Ogan que eu não lembro.

## Entrevista 07

M: A senhora tem algum cargo recebido de outras casas?

GO: Tenho, tem a Yaegdê, da casa de “Vadun”, tem Yalexangô da casa de Bira de Xangô, tem Yalodê também, que é daqui.

M: A senhora é nascida em Marrocos mas viveu na França não é?

GO: Sim. E depois vivi na África oito anos.

M: Na África a senhora viveu onde?

GO: Na Republica dos Camarões e nos Xales. Depois eu fui pra Benin, fiz muitas viagens de meses.

M: Mas lá a senhora encontrou semelhanças?

GO: Idênticos, é miséria. Mas lá não tem as saias iguais as daqui. Isso partiu mais dos portugueses.

M: A senhora considera então que o candomblé do Brasil esta muito preservado?

GO: Muito preservado. Mas também houve muitas modificações. Também teve uma repressão terrível. Numa certa época a República Socialista botou na cadeia todas as mães de santo, então parou de chover por um ano, todos ficaram revoltados.

M: Tem alguma história do terreiro? Quando a senhora abriu aqui era do mesmo jeito ou a senhora foi modificando aos poucos?

GO: Não, aqui só tinha uma casa pequena e nós transformamos tudo aos poucos. O barracão foi construído em 1975, mas no começo era uma coisa de nada. Eu fui aumentando cada vez mais o terreno, não tinha quartos de santo nenhum. Nós fizemos primeiro o quarto de Obaluayê, depois fizemos o quarto de Xangô, o quarto de Oxalá e aos poucos nós fomos aumentando.

M: Mas a senhora já veio pra cá com esse propósito do terreiro.

GO: Eu comprei essa casa pra por meus santos, depois com a ajuda de Balbino muita coisa desenvolveu. Mas eu trabalhava, eu não podia recolher yaô, só uma vez por ano.

M: A senhora tem alguma planta da casa e do terreno?

GO: Não, não tenho planta não. Mas é, ver analisar, fazer.

M: As festas a senhora faz anuais? Como é?

GO: Eu faço festa no principio do ano pra lemanjá, que vai até 10 de fevereiro. Ela é dona da casa. Em março eu faço para Ogun, em Abril eu faço para as Yabás. Eu faço pra Oxossi em maio. De Ogun em 4 de julho. Agosto Obaluayê, Olubaje e outubro Oxalá.

M: Tem outros terreiros aqui em volta?

GO: Tem, tem sim, tem Amauri Jeje, é antigo, ele é filho da “Iasulisa”.

Eu não saio muito daqui, tenho mais de 70 anos, tenho minhas afinidades aqui, mas fora família fica difícil.

## Entrevista 07

M: A senhora tem foto de obrigação? Ou coisas que podemos registrar, como era a casa...

GO: O problema das fotos é que eu não faço fotografia. O povo vem, faz fotografia e não me dão a cópia. Eu tenho fotos antigas do candomblé aqui.

GO: Dia 10 de fevereiro vai ter festa de Iemanjá. Na festa de Oxalá veste branco, todos, dá muito trabalho. A gente faz a procissão no bairro, vai até a praça e volta. A nascente a gente vai pra pegar a água, mas a procissão é a volta de Oxalá, a gente sai com o andor, vai andando e dá a volta no praça.

M: Tem muitos filhos de Oxalá aqui?

GO: Tem, mais de vinte.

M: Moram alguns filhos de santo aqui no terreiro?

GO: Estes que estão aqui, dois homens e cinco mulheres, pra fazer os trabalhos aqui, são ebós. Em março na festa de Ogun vem três (...), Duas Ekedis e uma filha que vai fazer obrigação de sete anos.

M: Num barco só, seis pessoas! É muito trabalho!

GO: É muito trabalho.

GO: Esse barracão era só água, transbordava. Imagina, esse terreno ficava todo água, três, quatro dias, até a cama. Acabei fechando o riacho, aterrando com mais de 150 caminhões de terra, aos poucos né. Isso tudo aqui é aterrado, e eu levantei a casa, mas não agüentava mais, imagina com água em baixo da cama. E meus tapetes marroquinos maravilhosos, não se recuperaram e estragou tudo. A água passa mas a umidade fica, e nada seca. Agora melhorou, também com a prefeitura, faz um ano que estão trabalhando, tirando o aterro que eu fiz, melhorou muito, mas o asfalto não vem.

Antigamente eu tinha uma energia, agora.... No ano retrasado eu tive um problema sério no coração, meu coração piorou e eu tive que fazer uma reversão, parava o coração, dava um choque elétrico e logo voltava a funcionar. Quando eu fui lá eu nem sabia, os médicos me disseram “vai logo pra por o cardíaco”, não volta pra casa mais, nem levei a escova de dente, vai assim mesmo. No dia seguinte levei o choque, me recuperei, aos poucos, e estou bem.

M: Eu fiquei marcada com a história que a senhora contou das Mães de Santo que foram presas e ficou sem chover por um ano (em África)...

GO: Eles tiveram que liberar, depois o governo liberou, não tem mais problema. E também com os movimentos ecológicos eles estão dando mais cartaz aos Pais e Mães africanos. Quando o governo caiu, voltou a cartaz.

M: A sua tese tem aqui no Brasil?

GO: Tem, mas em francês, trinta anos sem traduzir. Eu acho que deve ter na Biblioteca Nacional.

M: Como é que foi a origem do lugar? Os motivos, sentido ou transformação.

GO: O lugar aqui foi eu que fundei, não é herança de alguém, não.

## Entrevista 07

M: E a senhora quando veio para o Brasil já veio desse sentido?

GO: Não nesse sentido, eu vim pra por uma casa pro meu santo.

M: A senhora já tinha recebido o cargo de santo quando veio pra cá?

GO: Recebi o cargo de seu João da Gomeia em 1970 (julho), eu vim em 1972 e já estava com o cargo, e ele faleceu em março de 1971 (tendo o cargo já tinha a intenção de abrir a casa).

M: Aqui nada está inventariado?

GO: Não.

GO:(sobre as fotos) Essa é a fogueira de Xangô, em 24 de junho. Vem um orixá com o amalá e outro com o ajerê. Esta é a festa de Iemanjá, de 2002. Essa é a casa dele, do pai de Xangô, em Benin, eles falam jeje, fon. Esta é Nanã, na festa dele. Aqui é a matança de Oxossi que eles fazem, e dá pra Exu, eles fazem a matança na casca. Essa festa (que estão todos de branco) é de Iemanjá, na realidade, não é de Iemanjá, é a festa que eles fazem em JeJe, numa terra de Jeje e em Jeje como um todo, é a festa do ano, que eles tiram a pedra sagrada da floresta pra saber qual vai ser a sorte do ano, todos os terreiros se juntam pra poder rezar essa festa. Eles vem carregando a pedra e a pedra é clara e é bom sinal.